

The background is a teal wall with white architectural outlines. On the left, there are outlines of a pillar and a decorative bracket. In the center, there is an arched niche with a shelf below it. On the right, there is a framed religious painting of a deity with a large, ornate golden halo and a red scalloped border above. The painting is set within a blue frame.

Amita Trasi

TODAS AS CORES DO CÉU

Amita Trasi

TODAS AS CORES DO CÉU

TRADUÇÃO
CAROLINE CHANG



RIO DE JANEIRO, 2019

Título original: *The Color of Our Sky*
Copyright © 2017 by Amita Trasi. All rights reserved.
Copyright da tradução © Casa dos Livros, 2018

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Contatos:
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005
Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3175-1030

DIRETORA EDITORIAL
Raquel Cozer

GERENTE EDITORIAL
Alice Mello

EDITOR
Ulisses Teixeira

COPIDESQUE
Juliana Araújo
Lucas Bandeira

REVISÃO
Thaís Lima
Anna Beatriz Seilhe
Marina Góes

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

DESIGN DE CAPA
Túlio Cerquize

PRODUÇÃO DE EBOOK
[S2 Books](#)

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T697t

Trasi, Amita

Todas as cores do céu / Amita Trasi ; tradução Caroline Chang. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Harper Collins, 2019.

384 p. ; 23 cm.

Tradução de: The color of our sky

ISBN 9788595081857

1. Romance indiano. I. Chang, Caroline. II. Título.

19-55261

CDD: 828.99353

CDU: 82-31(540)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Em memória do meu falecido pai;
para Sameer, meu extraordinário marido;
e, por último, mas não menos importante,
para meninas como Mukta — que vocês
encontrem sempre uma amiga para ajudá-las a
atravessar a escuridão.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Glossário](#)

Capítulo 1

Tara

Mumbai, Índia — junho de 2004

A LEMBRANÇA DAQUELE MOMENTO ME ATINGIU COMO UMA ONDA surgindo no oceano, me afogando: o cheiro acre da escuridão, os soluços entrando em erupção como o eco de um poço sem fundo. Eu tentara me desvencilhar delas por tanto tempo que tinha esquecido que lugares também podem ter lembranças. Fiquei em pé no corredor parcamente iluminado do lado de fora do lar da minha infância e tentei destrancar a porta. As chaves tremeram na minha mão e caíram. Aquilo estava sendo mais difícil do que eu imaginara. *Respire fundo e encontrará a coragem*, Papa costumava dizer quando eu era criança. Agora, com 20 e tantos, lá estava eu, em pé de frente àquela porta trancada, me sentindo uma criança novamente.

Apanhei as chaves e tentei de novo. As portas guincharam quando enfim consegui abri-las. O apartamento estava escuro. Do lado de fora, o céu trovejava, e a chuva escorria pelos telhados. Um raio perdido de sol caiu sobre a mobília que havia juntado pó ao longo dos anos, e fiquei ali, naquele cômodo com pouca luz, olhando para as velhas teias de aranha que preenchiam os cantos do que um dia fora o meu lar. Acionei os interruptores e tirei o pó da escrivaninha com um gesto suave. É só um apartamento, falei a mim mesma. Porém, havia tantas coisas da minha infância ali — minha escrivaninha, junto à qual Papa se sentava ao meu lado, me ensinando a escrever, e o sofá onde assistíamos à televisão juntos, em família.

No meu quarto, a cama estava cuidadosamente feita, do jeito que eu a havia deixado. Conseguia ouvir o som da nossa risada, sentir o cheiro da minha infância — a comida que Aai costumava preparar e com a qual

amorosamente me alimentava —, aquele perfume flutuante do açafão do *pulao*, de *dal* aromatizado com cúrcuma, as doces *rasgullas*. Não havia nenhum desses cheiros, claro, não mais. Só o que restava era um odor bolorento de portas fechadas, de segredos enterrados.

Uma nuvem de poeira se levantou quando abri as cortinas. Lá fora, a chuva caía docemente, com folhas colhendo gotas de água. A cena ainda era a mesma de quando Papa e eu nos mudamos para Los Angeles onze anos antes: o zunido do tráfego crescendo e sumindo, as buzinas dos riquixás e dos carros, o latido distante de cachorros de rua, as favelas estendendo-se ao longe. Ali em pé, com minhas solitárias malas na entrada, entendi por que Papa nunca tentara vender ou alugar aquele apartamento. Depois de construir um lar nos Estados Unidos por onze anos, ele esperava um dia voltar para procurar Mukta. Afinal de contas, foi ali que a sequestraram.

Dizem que o tempo cura tudo. Não acho que seja verdade. À medida que os anos passaram, comecei a achar estranho como coisas simples ainda podem nos fazer lembrar de tempos terríveis ou como o momento que nos esforçamos tanto para esquecer se torna nossa lembrança mais nítida.

SAÍ DO APARTAMENTO NAQUELE DIA DETERMINADA A ENCONTRAR respostas. Os motoristas de táxi estavam em fila, esperando, desejando, implorando que alguém fizesse uma corrida. Havia algo naquela cidade de que eu nunca me esqueceria. Podia vê-lo em toda parte, cheirá-lo, ouvi-lo — os sonhos que persistiam no rosto das pessoas, o cheiro doce e o da fuligem, o som do caos distante no ar. Fora ali que tudo acontecera — paredes foram derrubadas, veículos explodiram, pequenos cacos de vidro estilhaçaram vidas e nossos entes queridos se tornaram passado. Ali em pé, uma imagem de Aai flutuou diante dos meus olhos, esperando por mim em algum lugar, seus olhos delineados de *kajal* marejando enquanto ela me abraçava. Era diferente antes das explosões a levarem embora.

— Madame, levo você para onde quiser — falou um motorista de táxi.

— Não, aqui, aqui... — disse outro, acenando.

Fiz sinal para um deles, que correu para trás da direção. Quando entrei, começava a chover. A chuva caiu macia em torno de nós.

— Me leve até a delegacia em Dadar — pedi a ele.

— A madame vem do exterior, não? Eu entendo pelo jeito que você falar. Eu levar você no melhor hotel de Mumbai. Você...

— Me leve até a delegacia — repeti, seca.

O motorista permaneceu quieto no restante do caminho, cantarolando baixinho a melodia de uma música de Bollywood que jorrava dos altofalantes do carro. Lá fora, passavam por nós moradores dos barracos e crianças de rua catando lixo. O calor pairava sobre a cidade apesar da chuva, e o vento cheirava a fumaça, curry e esgoto. As pessoas ainda caminhavam perigosamente próximas do tráfego veloz, riquixás agitavam-se nas laterais e mendigos batiam na janela do táxi pedindo dinheiro. As calçadas abrigavam muitos dos pobres que moravam em barracos frágeis, mulheres pechinchavam com vendedores ambulantes nos bazares, e homens vadiavam pelos cantos, lançando olhares vazios. Nas paredes atrás deles, pôsteres anunciavam os últimos lançamentos de Bollywood.

Quando eu era criança, Papa havia me levado para uma caminhada naquelas mesmas ruas. Certa vez, acompanhei Aai aos bazares e pechinchei ao lado dela com comerciantes. E houve um tempo em que eu me sentava no banco de trás de um táxi com Mukta ao meu lado, enquanto Papa nos levava para a Biblioteca Asiática. Eu ficara tão feliz ao lhe mostrar o mar, o jardim, e apresentar a ela o meu mundo. Quantas vezes ela fora comigo até minha escola, carregando minha mochila, ou ficara sentada no banco do parque tomando *golas* gelados? Agora, no banco traseiro daquele táxi, meu estômago revirou. Aqueles momentos pareciam me paralisar; não conseguia respirar, como se o crime por mim cometido estivesse me estrangulando aos poucos. Coloquei o rosto ainda mais para fora da janela aberta e me obriguei a inspirar.

— Pronto, madame, a delegacia — anunciou o motorista enquanto parava o carro.

Chovia muito quando o táxi parou, os limpadores oscilando selvagens pelo para-brisa. Ao desembarcar, pisei numa poça que ia até o tornozelo, as gotas batendo contra o meu guarda-chuva. Paguei o motorista. Ao longe, perto das latas de lixo, crianças em capas de chuva espirravam água umas nas outras, as risadas chegando em ondas.

NA DELEGACIA, ENCONTREI UM LUGAR NO BANCO DO CANTO E DEIXEI minha bolsa cair sobre o colo. Onze anos antes, Papa e eu havíamos sentado em um daqueles bancos naquela mesma delegacia e esperado durante horas, a fim de entender o que acontecera conosco, tentando dar algum sentido àquilo tudo.

Agora, sentada ereta, prensada entre estranhos que esperavam por sua vez, desejei que Papa estivesse ao meu lado. De certa forma, ainda o levava comigo — seus restos —, as cinzas fechadas com cuidado em um frasco na minha bolsa. Eu as havia levado para lá a fim de espalhá-las no rio Ganges, algo que precisava fazer, algo que estava de acordo com os últimos desejos dele.

Um oficial estava sentado a uma mesa próxima, a cabeça por trás de uma montanha de arquivos; outro estava atrás dele, ouvindo reclamações e anotando-as num papel, enquanto um terceiro estava sentado em uma cadeira não muito longe, a cabeça enterrada num jornal. Um *chaiwalla* passou por nós com *masala chai*, colocando copos do líquido marrom em todas as mesas. Lá fora, sirenes de polícia perfuraram o ar, e policiais arrastaram para dentro dois homens algemados.

A mulher diante de mim soluçou e implorou que o oficial encontrasse seu filho desaparecido. Ele bocejou, rabiscou algo no papel e então, com um gesto, mandou-a embora. Quando foi minha vez, sentei-me diante dele. O homem esfregou os olhos.

— E você, qual é sua queixa? — perguntou, parecendo entediado.

— Quero falar com o inspetor-chefe.

Ele levantou o olhar do papel e estreitou os olhos.

— Sobre o quê, madame?

O mural de madeira às suas costas tinha um gráfico com o número de assassinatos e sequestros do ano e os casos que eles tinham solucionado.

— É sobre um sequestro que aconteceu há onze anos. Uma garota foi raptada. Meu pai deu queixa na época.

— Onze anos? — O oficial ergueu as sobrancelhas. — E você quer procurá-la *agora*?

Fiz que sim.

Ele me olhou de um jeito curioso e suspirou.

— Ok, espere aqui — disse, e caminhou até uma porta fechada e bateu. Um inspetor abriu a porta; o oficial apontou para mim e sussurrou algo. O inspetor me lançou um olhar e, então, veio na minha direção.

— Inspetor Pravin Godbole — falou, apertando minha mão e apresentando-se como o inspetor-chefe da delegacia.

— Eu tenho... estou... procurando uma menina que foi sequestrada. Por favor, o senhor *precisa* me ajudar. Eu... acabei de chegar depois de um longo

voo dos Estados Unidos.

— Me dê alguns minutos, sim? Estou com uma pessoa no escritório. Podemos rever o seu caso depois disso.

DEMOROU ALGUMAS HORAS PARA O OFICIAL ME LEVAR AO ESCRITÓRIO. Enquanto isso, comi um sanduíche que havia enfiado às pressas na bolsa e observei o policial anotar mais algumas queixas. Pessoas entravam, esperavam ao meu lado e iam embora depois de o homem registrar a reclamação. O *chaiwalla* me ofereceu um copo de *chai*, que beberiquei, grata. Não me importava de esperar. Estava aliviada, ainda que só um pouco, por poder finalmente falar com alguém — alguém importante naquela delegacia de polícia e que poderia me ajudar.

O inspetor Godbole tinha olhos afiados e inteligentes, que, eu esperava, seriam capazes de ver o que outros não tinham conseguido enxergar. Pediu que eu me sentasse. Seu chapéu com o emblema *Satyamev Jayate* — só a verdade triunfa — repousava sobre a escrivaninha.

— Como posso ajudá-la?

Eu me apresentei e me sentei, abri minha carteira e mostrei a fotografia. Como parecíamos, Mukta e eu, jovens naquela época, em pé do lado de fora da Biblioteca Asiática. Ele a pegou da minha mão e observou.

— Estou procurando por ela — expliquei ao inspetor.

— Qual? — perguntou ele, estreitando os olhos para enxergar melhor.

— A da direita sou eu. A outra. Ela foi sequestrada há onze anos.

Suas sobrancelhas se arquearam.

— Onze anos?

— Hã... sim. Foi sequestrada da nossa casa logo depois dos ataques de 1993. Eu estava no cômodo com ela quando aconteceu.

— Então, você viu o sequestrador?

Fiz uma pausa.

— Não... na verdade, não — menti.

O inspetor concordou com um aceno de cabeça.

— O nome dela era... é Mukta. Ela era uma menina... uma órfã que meus pais acolheram. — Depois, expliquei: — Meu pai era um homem bom. Trabalhava com várias ONGS e orfanatos no tempo livre para encontrar um lar para crianças abandonadas. Às vezes, ele as levava ao nosso apartamento. Resgatava crianças de rua ou crianças pobres de aldeias do interior, uma ou

duas de cada vez, e as deixava ficar na nossa casa. Elas dormiam na cozinha, comiam a comida que Aai fazia, e então, em poucos dias, meu pai encontrava um lugar para elas em algum orfanato. Papa fazia o bem sempre que tinha a chance. Com Mukta... ele insistiu muito. Alguma coisa acontecera com ela lá na aldeia de onde vinha. Por um bom tempo, ela simplesmente não falou. Ela...

— Entendo, entendo — interrompeu ele. — Vamos tentar encontrá-la.

Eu queria dizer a ele que, diferente de outras crianças que haviam morado conosco por uma semana ou duas, Mukta ficou na nossa casa durante cinco anos. E que era uma boa amiga. Queria contar que ela gostava de ler poemas e que tinha medo de chuva... e que nós duas desejávamos crescer juntas.

— Sra. Tara?

— Meu... meu pai preencheu um formulário de informações preliminares na época... sobre... sobre o sequestro.

O inspetor respirou fundo, coçou os tocos de barba no queixo e aproximou a fotografia do rosto, estudando-a. A foto estava gasta e amassada como uma lembrança preciosa congelada no tempo, nós duas sorrindo para a câmera.

— Sra. Tara, isso foi há muito tempo. Ela vai estar... mais velha agora. E não temos uma fotografia recente. Vai ser bem difícil procurar alguém sem esse auxílio. Mas me deixe dar uma olhada na ficha dela. Vou precisar contatar o escritório de pessoas desaparecidas. Por que procurar por uma criança de um vilarejo pobre, depois de tantos anos? Ela roubou alguma coisa valiosa da sua casa? Uma relíquia de família ou algo assim?

— Não. Não... é só... meu pai se esforçou muito para dar um lar às outras crianças. Acho que considerava Mukta a única que lhe escorreu pelos dedos... Alguém que ele não conseguiu proteger. E nunca se perdoou por isso. Na época, a polícia nos disse que tinha procurado por ela. Meu pai me contou que Mukta tinha morrido. Talvez um inspetor de polícia tenha dito isso para ele. Não sei. Meu pai me levou para os Estados Unidos logo depois. Eu... eu não sabia que ela estava viva. Depois da morte do meu pai, encontrei alguns documentos na gaveta dele. Ele procurou por ela durante um bom tempo. E, durante todo esse tempo, eu achava que ela estava morta. Ele iria querer que eu a procurasse.

— Ninguém procura essas crianças desaparecidas, madame. Veja só todas as crianças que vivem em barracos: não há ninguém para cuidar delas direito, muito menos para se preocupar sobre como estejam caso desapareçam.

Olhei para ele sem dizer nada. Não houve um só momento nos últimos onze anos em que eu não tenha desejado voltar para aquela noite de verão, àquele meio segundo em que poderia ter feito algo. Eu sabia quem era o sequestrador. Sempre soube. Eu havia planejado tudo, afinal. Mas não falei isso ao inspetor, não consegui. Teria que revelar muitas outras coisas além daquilo. Fosse como fosse, eu não queria me concentrar no que havia feito ou em quem era o sequestrador; agora, queria apenas procurar Mukta.

O inspetor deu um peteleco na fotografia e suspirou alto.

— Me dê alguns dias. Vou procurar nos arquivos. Estamos sobrecarregados agora. Você pode passar ao oficial todos os detalhes. — Ele fez sinal ao oficial e pediu que me acompanhasse até o lado de fora.

— Muito obrigada — agradei, colocando-me de pé.

Na porta, me virei para ele de novo:

— Seria ótimo se o senhor pudesse me ajudar a encontrá-la.

Ele levantou o olhar por um segundo e fez um curto aceno de cabeça antes de voltar ao trabalho. O oficial levou alguns minutos para anotar os detalhes.

Deixei a delegacia e fiquei ali na soleira observando os jipes da polícia estacionados, oficiais carregando arquivos e pessoas impacientes esperando e, de repente, me pareceu uma besteira ter ido até aquele lugar, ter pedido ajuda a eles. Nem sequer fizeram as perguntas certas: eu me lembrava do dia em que tudo acontecera? Que sons ouvira antes de entender o que estava acontecendo? A hora exata no relógio do quarto? Por que o sequestrador não me sequestrou? Por que não gritei? Por que não acordei Papa, que estava dormindo no quarto ao lado? Se tivessem feito essas perguntas, acho que a verdade teria jorrado para fora do meu corpo.

ACENDI UM CIGARRO, DEI ALGUMAS TRAGADAS E DEIXEI A FUMAÇA sair pelas narinas. As duas oficiais em pé na soleira me lançaram um olhar enviesado. Sorri para mim mesma. Não havia muitas mulheres fumantes ali. Meu primeiro cigarro tinha sido nos Estados Unidos, com Brian, quando eu tinha 18 anos. Brian, meu noivo, fora o amor da minha vida, e eu o havia convenientemente deixado para trás em Los Angeles. Se as coisas não tivessem mudado, Brian e eu estaríamos espreguiçados em uma praia naquele momento, observando o movimento das ondas. Mas agora tudo estava acabado entre nós. Suspirei ao perceber a ausência de um anel no dedo, joguei a guimba no chão e a esmaguei com o pé.

Uma brisa fria e úmida me atingiu enquanto caminhava para a rua barulhenta. Uma garota de seis anos, usando roupas esfarrapadas, veio correndo na minha direção, aparentemente sem se dar conta de seus pés sujos e ensanguentados, abriu a mão, exibindo a palma, e me olhou com olhar suplicante. Por um segundo, fitei aqueles olhos esperançosos. Ela sustentou meu olhar. Um grupo de crianças pedintes me observava a certa distância, com curiosidade. Vasculhei minha bolsa até encontrar algumas rúpias e as entreguei a ela. Em questão de segundos, todas as crianças me cercaram, pedindo dinheiro. Distribuí algumas notas entre elas. As crianças comemoravam e gritavam de alegria enquanto iam embora correndo.

— Tem algum restaurante aqui perto? — perguntei a um dos meninos pedintes.

Ele sorriu; seus dentes perolados brilhavam contra a pele escura.

— Ali, madame, o melhor *masala chai*... muito bom, muito *zhakas* — disse, e se despediu com um aceno.

O RESTAURANTE NÃO ESTAVA MUITO CHEIO ÀQUELA HORA DO DIA. Larguei a bolsa sobre uma cadeira e pedi um sanduíche e chá. Meninos de 10 a 12 anos limpavam as mesas. Moscas vojavam sobre as superfícies úmidas. Um garçom me trouxe um copo de *chai*. Lá fora, o céu começava a clarear, as nuvens abrindo espaço para o azul límpido. Assim que Mukta chegara na nossa casa, eu com frequência a encontrava sentada na nossa despensa escura e suja, olhando pela janela, observando as estrelas no céu como se procurasse algo. Lembro-me de uma noite em que meus pais estavam dormindo e fui na ponta dos pés até o quarto dela e a encontrei olhando para o céu. Ela se voltou para mim, surpresa por eu ter surgido na escuridão.

— O que está procurando no céu? — perguntei.

— Olhe — disse ela, apontando para o alto. — Veja você mesma.

Entrei no cômodo, sentei ao lado dela e procurei estrelas brilhando como diamantes no céu noturno.

— Amma costumava dizer que, quando morremos, nos tornamos estrelas. Ela disse ao morrer que se tornaria uma estrela para cuidar de mim. Mas, sabe, tem tantas estrelas. Não sei qual delas é Amma. Provavelmente, se eu procurar bastante, vou conseguir ver. Talvez ela mande um sinal para mim. Não acha?

Dei de ombros.

— Não sei. Se você acredita, pode ser que seja verdade.

— É verdade — sussurrou ela. — Você só precisa procurar bastante.

Ficamos ali por algum tempo, observando as estrelas no céu noturno sem nuvens.

Fiquei sentada com ela naquela noite e por muitas noites depois. Por diversas madrugadas ao longo dos anos, nós nos sentamos juntas sob a luz da lua naquele cômodo escuro e sujo, falando sobre nossas vidas. Aquela se tornou a nossa maneira de fugir do mundo. Foi Mukta quem me ensinou que o céu era como um palco onde as nuvens formavam personagens, metamorfoseando-se em diferentes formas que vagavam em direção umas das outras. O céu nos contava mais histórias do que jamais poderíamos ler, mais do que nossas imaginações poderiam dar conta.

Capítulo 2

Mukta

Aldeia de Ganipur, Índia — 1986

SOMOS COMO AS FLORES DA DATURA QUE SE ABREM DURANTE A NOITE — inebriantes, florescendo no escuro, murchando ao alvorecer. É algo que minha avó, Sakubai, me dizia quando eu era criança. Parecia tão poético naquela época. Eu gostava de ouvir aquilo, até ria, mesmo sem entender o que significava. É a primeira coisa que vem à mente quando as pessoas perguntam sobre a minha vida.

Por muito tempo, eu não soube que era filha de uma prostituta do templo, que havia nascido no seio de um culto que seguia a tradição sagrada de dedicar as filhas à deusa Yellamma. Sakubai me dizia que, quando os britânicos governavam nosso país, os reis e zamindares agiam como nossos patronos e nos sustentavam financeiramente. As pessoas nos reverenciavam como se fôssemos sacerdotisas. Dançávamos em templos, cantávamos músicas de adoração, e os aldeões buscavam nossas bênçãos em ocasiões importantes. A tradição não é diferente hoje. Porém, na época, tínhamos patronos que nos ajudavam, e agora não há mais reis e poucos homens de castas superiores se dispõem a nos dar dinheiro. Meninas de castas inferiores de até oito anos são casadas com a deusa em uma cerimônia de consagração. Nesta minúscula aldeia do sul da Índia, também somos chamadas de *devadasis* — servas de Deus.

Vinda de uma longa linhagem de devadasis, eu estava destinada a, em algum momento, me tornar uma. Mas, quando criança, não sabia disso. Não sabia que meu corpo não me pertencia. Às vezes, esqueço que já fui criança, que tudo era leve e ingênuo aos meus olhos. Parece um sonho — aquelas

manhãs serenas, acordando no campo quando tudo que podíamos ver era o céu claro, a luz do sol transbordando, seus raios oblíquos tão intensos que nos convenciam de que a vida não tinha mais nada a oferecer. Nossa aldeia contava com muitas fazendas repletas de arroz, milho e painço. A vegetação balançava em todos os cantos do vilarejo. A cada brisa gentil que acariciava minhas bochechas, Amma dizia que as mãos de Deus estavam pintando meu rosto. Ela me dizia que Deus vigiava todo e qualquer movimento meu. Eu acreditava e temia que Deus me punisse cada vez que eu arrancava mangas de árvores que não eram nossas. Era uma vida tão diferente quando criança, quando ainda não sabia o que estava reservado para mim.

Minha Amma era uma mulher linda. Uma vez eu lhe disse que sua pele clara, cor de mel, era como ouro reluzente, e que os brancos dos seus olhos brilhavam como diamantes encrustados nesse ouro, e ela riu. Eu não me parecia nem um pouco com ela. Sakubai costumava dizer que eu era bonita demais para uma casta inferior, e estava claro que havia herdado as feições e os olhos verdes do meu pai, que era um brâmane de casta superior.

QUANDO PENSO NAQUELA ÉPOCA, LEMBRO-ME DOS SUAVES OLHOS castanhos da minha Amma e de como ela me contava histórias e cantava para mim. Como seus olhos ilustravam todas as emoções da história, como se moviam com a música da voz dela. Ela cantava para mim com a voz suave e melodiosa. Às vezes, ainda posso ouvi-la.

*O vento corre pelas árvores,
Sobre as montanhas e sobre o mar,
Ouço-o agora, ouço-o bem,
Pois só o que faz é ao meu ouvido sussurrar,
Sobre reinos gigantes, sobre reis galantes,
Sobre princesas bonitas e seus belos noivos,
Ah! O vento fala comigo.*

Quando eu a ouvia, meus pensamentos corriam com o vento, atravessando nossa aldeia, soprando por entre montanhas, entre pedras e seixos, roçando as folhas das árvores, voando com os pássaros e alcançando a cidade onde meu pai morava. E eu me perguntava o que meu pai estaria fazendo naquele exato minuto. Será que estava olhando por uma janela, procurando meu rosto,

atravessando a rua, pensando em mim, ou será que estava a caminho para me encontrar?

Não conheci meu pai. O pouco que eu sabia aprendi com Sakubai. Amma nunca falou muito sobre ele. Sempre que falava, havia um olhar distante e sonhador no seu rosto — o brilho do amor. Às vezes, quando Amma me levava à aldeia, eu observava famílias fazendo compras no bazar e sabia que faltava algo na nossa. Havia garotas exatamente como eu, segurando as mãos dos pais ou sentadas nos ombros deles. Pareciam felizes e seguras. Amma me disse que os pais fazem qualquer coisa para proteger as filhas. Era algo que, ela me disse, eu não tinha; algo que ela sabia que um dia me encontraria. Só o que precisávamos fazer era esperar! Nunca perguntei a Amma onde meu pai estava ou quem ele era, embora ansiasse pelas respostas. Tinha medo de dizer algo que a fizesse se lembrar dele, e, às vezes, quando eu de fato perguntava, seus olhos se derretiam naquele olhar solitário e inconsolável. Então, deixava que ela continuasse suas histórias, sem jamais interrompê-la para perguntar se meu pai queria me conhecer. Eu esperaria, disse a mim mesma.

EU MORAVA COM AMMA E SAKUBAI EM UMA CASA NA PERIFERIA DA NOSSA pequena aldeia, Ganipur, nos pés das montanhas Sahyadri, próximo à fronteira de Maharashtra e Karnataka. Era uma casa muito velha, construída vários anos atrás para Sakubai pelo zamindar que era o dono da terra e seu patrono na época. Não era uma casa grande; tinha apenas dois cômodos. Um dos quartos pertencia a Sakubai, e o outro era onde Amma e eu dormíamos. No canto do nosso quarto ficava uma pequena cozinha, um espaço cercado por paredes enegrecidas onde alimentávamos o fogareiro. A casa era cercada, mas a cerca de madeira no pátio havia apodrecido e caído bem antes de eu nascer. Agora o pátio era só um lugar vazio, aberto.

Certa vez, Sakubai abriu um velho baú e tirou de lá uma fotografia surrada, em preto e branco, de uma casa que parecia diferente, nada a ver com aquela em que vivíamos. Quando me mostrou a imagem, fiquei boquiaberta e me recusei a acreditar que a casa da fotografia fosse a mesma.

— Essa não é a nossa casa — falei, com teimosia.

— É, sim — insistiu Sakubai. Ela olhou para fora da janela como se visse um mundo diferente, e seguiu aquele olhar. — Ali — disse ela —, era ali que o

jardim ficava. Está vendo as rosas junto ao portão e aqueles canteiros de flores brancas ao lado da cerca?

Olhei, mas não vi. Nada era remotamente tão bonito quanto a casa na fotografia. Sakubai me explicou que aquela casa — a casa na fotografia — tinha um telhado adorável, de telhas vermelhas e paredes recém-pintadas de creme. Quando me contou isso, imaginei a tinta tão fresca que quase pude senti-la. A casa em que morávamos agora... o telhado estava quebrado e cheio de goteiras, e as paredes eram desbotadas. Sempre que eu via a casa ao longe, notava como as trepadeiras haviam crescido e subido até o telhado; as rachaduras pareciam uma pintura que veio com a casa.

Por alguma razão, sempre achei a casa em que morávamos muito triste. Não sei por que nunca consegui enxergar aquela casa do mesmo jeito que Sakubai, do jeito como a fotografia a capturava. A janela que dava para o portão estava quebrada e caída para um lado como uma flor fenecendo, com um rosto triste. E quando chovia, eu observava as gotas caírem como lágrimas naquele balde e imaginava que o telhado estava chorando. Devia estar, pensei, já que ninguém cuidava bem dele.

Eu sabia que Sakubai sempre ficava triste ao falar da casa.

— Ele me deixou pelas devadasis mais novas — dizia ela, suspirando.

Quando eu olhava nos seus olhos, ela os abaixava e limpava as lágrimas com a ponta do seu sári *pallu*. Amma me explicou que nossa casa deteriorada era uma lembrança do amor que ela uma vez tivera, um amor que havia morrido.

Nos dias em que eu pensava da mesma maneira, também me sentia triste.

NUNCA DEIXEI AMMA SABER QUE AS NOITES ERAM O QUE EU MAIS detestava. A cada noite, sombras se esgueiravam até a nossa porta — homens de castas superiores, muitas vezes um homem diferente a cada noite — e ofereciam a Amma meio saco de grãos e algumas roupas. Havia alguns que traziam doces, pequenas garrafas ou um saco de cocos. Eu me perguntava se algum desses homens notava Amma como ela gostaria de ser notada. Estavam bêbados demais para perceber que ela deixara os cabelos caírem soltos sobre os ombros, que ela usava uma pulseira de flores de jasmim ou que a fragrância de nossa casa vinha das flores de lótus que ela espalhava pelo chão.

Naqueles momentos, Sakubai desaparecia a noite toda. Ela me dizia que ia para a aldeia visitar uma amiga e que eu não podia acompanhá-la. Também não podia entrar na casa. Precisava ficar sentada no pátio, no concreto frio que seria a minha cama naquela noite. Eu comia minha comida ali, e ali dormia. Era um ritual que nunca questionava. Eu não sabia. Mas sentada naquele lugar, observando a lua, tão solitária quanto eu, com frequência percebia a dor que se insinuava no meu coração. De manhã, eu só podia entrar na casa depois que Amma permitisse, depois que o homem fosse embora. Um dia, de curiosidade, abri a porta dos fundos e espiei, de pé. Dali pude enxergar o quarto — a cama enxovalhada, desfeita, o cheiro de perfume misturado com álcool, as flores de jasmim espalhadas no chão. Também vi os pés e os tornozelos cabeludos de um homem trançados com os de Amma. Eu não sabia o que pensar nem sentir. Estava anestesiada. Virei e saí. Fiquei sentada no pátio esperando que Amma me deixasse entrar. Quando ela, como de costume, bateu na porta, a abriu e me chamou, corri para ela. Amma me tomou nos braços e me beijou, pedindo desculpas pela noite. Na maioria dos dias, aquilo teria sido suficiente. Em um minuto, minha dor teria ido embora; toda raiva, toda pergunta desapareceria. Porém, naquele dia, as perguntas ficaram. E não tive coragem de fazê-las a Amma. Então, decidi que Sakubai poderia respondê-las.

Naquela noite, Amma estava fazendo manteiga no pátio; as pás dentro do recipiente de madeira agitavam o leite que havia lá dentro, e o som da agitação do recipiente era similar ao que eu fazia na minha agitação. Sakubai estava no quarto, tocando o *tanpura*, cantando uma canção ao Senhor:

*Os céus da noite tão profundamente parados,
Assim como o mundo dorme.
Meu Senhor, meu Parameshwara,
Sua voz corre até nós,
Venha a nós, à nossa humilde casa.*

Caminhei na ponta dos pés até o quarto dela e esperei do lado de fora. Havia dias em que a música ecoava como se a casa tivesse batimento cardíaco, e meus ouvidos se enchiam com os tons cadenciados, meu corpo cheio de vibração daquela música. Mas, naquele dia, fiquei em pé solenemente, esperando que ela terminasse.

— O que quer agora? — grunhiu Sakubai, colocando seu *tanpura* de lado. Não era algo fácil de se perguntar, mas eu sabia que precisava cuspir tudo de uma vez só.

— Por que os homens vêm visitar Amma? Algum deles é meu pai? — perguntei baixinho, tão baixinho que soou como um sussurro.

— Ah — disse Sakubai —, já é hora de você saber.

Ela gesticulou para eu me sentar ao seu lado no catre. Parecia estranhamente agitada com a pergunta. Seus olhos se acenderam como quando ela fofocava com Amma, e levou o dedo aos lábios, como se fosse revelar um segredo.

— Vou lhe contar o que sua Amma não quer lhe contar. Sabe, nós somos duas das muitas mulheres cujas bisavós fizeram um voto de dedicar todas as filhas nascidas na família à deusa Yellamma. Depois da cerimônia de consagração de sua Amma, os homens começaram a vir aqui. É o que acontece. Hoje em dia há apenas uma cerimônia, e é mais curta, mas, na minha época, havia duas. Na cerimônia da minha consagração, precisei me banhar em três lagos sagrados e, então, guiada pela minha mãe e pelos anciãos da aldeia, fomos encontrar o sacerdote sagrado. Essa era a cerimônia principal. Eu tinha oito anos. O sacerdote cantou rezas e me falou sobre os meus deveres para com a deusa e a aldeia.

— Que deveres? — perguntei.

— Não me interrompa. Há uma segunda cerimônia, a *Uditumbuvadu*. Eu tinha 12 ou 13 anos quando fui iniciada nessa cerimônia. Ah! Eu brilhava como uma noiva num *sári* vermelho e, durante horas, o sacerdote cantou mantras e jogou arroz sobre a minha cabeça. Depois daquilo... — Ela deixou sair um suspiro profundo. — A vida ficou diferente depois daquilo...

Eu não estava entendendo o que aquele assunto tinha a ver com os homens que visitavam Amma ou por que Sakubai não estava respondendo às perguntas sobre o meu pai. Pensei que talvez ela não tivesse me ouvido direito e que eu deveria repetir a pergunta, mas Sakubai estava tão absorta me contando sua história que não a interrompi.

— ... eu tinha que tomar um banho todos os dias de manhã bem cedo e ir até o templo onde o sacerdote realizava uma *puja* para os cultos matinais da deusa Yellamma. Eu varria as dependências do templo. Havia dias em que as devadasis mais velhas me ensinavam músicas em homenagem a Yellamma. Foram elas que me ensinaram o *tanpura*, me ensinaram a dançar o *sadhir* no

templo como uma oferenda à deusa. Às vezes, íamos de casa em casa mendigando. Então, um dia, o zamindar me viu no templo, disse que me faria feliz, até construiu esta casa para mim. Minha vida era linda naquela época, quando o...

— Por que não conta a ela *como* a sua vida era diferente e como *apesar disso* você fez a sua filha entrar neste ofício?

Era a voz de Amma. Ela entrara pelo pátio e agora estava na nossa frente, com a mão no quadril. Seus brincos longos balançavam enquanto ela falava.

— E, já que está falando nisso, por que não conta à sua neta que não se parece em nada com um casamento? Casamento, você diz. Onde está o noivo?

— Não fale assim — disse Sakubai, tapando as orelhas com as mãos. — Você vai enfurecer a divindade. Viveremos com a maldição dela se insultar nossa tradição. Foi decidido por nós no dia em que nascemos.

— Que tradição? O que foi decidido? Que íamos dormir com homens em nome de Deus, que somos servas de Deus, mas esposas da aldeia inteira?

— O pai de Mukta enfiou minhocas na sua cabeça, lhe deu esses pensamentos pecaminosos. Não está vendo? Nós somos *nitya sumangali*, livres dos males da viuvez, porque nunca nos casamos com homem algum. Não precisamos. Temos o privilégio de nos casar com a deusa. Você é louca de esperar por ele todos esses anos. Acha que ele vai voltar à aldeia e aceitar você depois de tê-la abandonado quando estava grávida de Mukta? Com certeza ele jogou algum feitiço em você! — Sakubai suspirou.

— Não tem mágica nenhuma. E *isto* não é privilégio. Você chama esta vida de privilégio? Olhe em volta. Em que mundo está vivendo? O pai de Mukta, quando estava aqui, só me ajudou a enxergar a verdade. Não deveríamos ter que viver assim.

— Ah? E como deveríamos viver, então? Não vou ouvir isso. A cerimônia de consagração de Mukta só vai demorar um ou dois anos. É melhor prepará-la.

— O que quer que eu diga a ela? Que todos os homens da aldeia nos usam e nos jogam fora, ou quer que eu lhe ensine a não esperar ser amada por homem algum, que isso só traz desilusão, a não ter filhos, a não...

A voz de Amma estava cada vez mais aguda e ela tentava segurar as lágrimas. Quando vi seus olhos marejados, comecei a chorar, amaldiçoei a mim mesma por fazer perguntas estúpidas.

— Você pode ter todas as decepções que quiser. As mulheres na nossa comunidade não sabem quem são os seus pais. Elas não *merecem* um pai. O que faz você achar que Mukta merece um? — perguntou Sakubai, mandando Amma embora com um gesto.

As palavras ficaram ecoando nos meus ouvidos. Até mesmo quando Amma gritava comigo ou me batia por eu não me comportar, a dor não era tão ruim quanto agora. Corri para fora e sentei no pátio, observando a noite se encher de escuridão. Estava calmo lá fora, longe do barulho da casa. Não havia ninguém com quem conversar, então olhei para o céu, a lua cheia brilhando forte como se sorrisse na minha direção. Conversei com a lua e lhe disse que eu achava que merecia um pai e que, se ela também achasse, devia levar a minha oração até Deus e mandar meu pai de volta para mim. Eu pensava que, um dia, a lua simplesmente ficaria cansada de me ouvir, de cuidar de mim, e traria uma solução para aliviar minha confusão.

Lá NA MINHA ALDEIA, QUANDO EU NÃO SABIA COMO SERIA A MINHA vida, tudo que eu fazia era vagar pelo terreno rochoso das Sahyadri. Eu não tinha amigos. Os aldeões não permitiam que os filhos andassem na comunidade das devadasis na periferia. Antes de eu nascer, havia ali uma grande comunidade de mulheres que eram exatamente como nós — mulheres destinadas à escravidão. Porém, muitos anos antes, elas haviam se mudado, depois que uma seca afetou nossa aldeia. Amma se recusou a ir. Então a nossa casa ficou sozinha, assim como eu. As montanhas Sahyadri eram minhas únicas amigas. Eu subia as pedras daqueles morros tão rápido quanto um macaco sobe em árvores. Amma sempre tinha medo de que eu me perdesse, me machucasse ou fosse ferida por um animal selvagem. Mas aquelas florestas densas eram meu refúgio — os sons, o ar tão fresco. Vagando no perfume de flores selvagens, o que eu tinha a temer? À noite, os vaga-lumes iluminavam o caminho, e eu corria atrás deles enquanto me conduziam para fora da floresta em segurança.

Todos os meus problemas começaram quando Madame veio nos ver pela primeira vez. Eu tinha nove anos. Ela chegou à nossa casa, as pulseiras chocalhando umas nas outras, criando sua própria música enquanto batia na porta. Um homem forte, robusto, a acompanhava. Era um dia lúgubre. Gotas de chuva haviam começado a cair bem cedo naquela manhã e, à medida que o dia avançava, as nuvens ribombavam acima de nós. A chuva furava e rasgava

a lama lá fora. Eu estava olhando pela janela, apreciando o cheiro doce da terra, quando eles chegaram com seus passos lamacentos no patamar da nossa casa.

Sakubai estivera à toa perto da porta toda a manhã. Ela estava torcendo as pontas de seu sári *pallu* como se estivesse esperando por alguém ansiosamente. Quando os viu pela janela, deu um pulo em direção à porta, apressada. Seus olhos se acenderam, e sua face se abriu num sorriso. Ela acenou para entrarem e deu em ambos um longo abraço. Eu estava em pé atrás de Sakubai, escondendo-me atrás dela, espiando um pouquinho. Madame fechou seu guarda-chuva e o deixou ao lado da porta, então juntou as mãos num cumprimento.

— *Namaskar*, Sakubai, há quanto tempo. Você está bem?

Sakubai fez que sim. Ela conduziu Madame até um canto onde ambas se sentaram com as pernas cruzadas no chão, de frente uma para a outra. O homem ficou em pé no vão da porta, recostado nela. Seus olhos injetados passearam pela casa, parando para me olhar. Seu rosto com a barba por fazer lhe dava uma aparência desleixada. Ele sorriu para mim enquanto afrouxava o lenço amarrado em volta do pescoço, então esfregou o triângulo de pelos no peito que despontava para fora da camisa abotoada pela metade.

— Esta deve ser Mukta, sua neta? — Madame inclinou a cabeça para olhar para mim. Espiei de trás de Sakubai. — Venha cá. — Madame segurou meu braço e tentou me puxar para longe de Sakubai. Eu me desvencilhei e me agarrei ao sári de Sakubai.

— Está tudo bem. Ela é amiga — disse Sakubai e soltou a minha mão do seu sári. Eu me vi diante de Madame, o sári alaranjado vivo refletindo em sua pele. Os lábios reluziam um vermelho que dava a impressão de que sangue fluía deles. Apesar da camada espessa de pó branco na sua face, suas bochechas rechonchudas mostravam cicatrizes, como se alguém tivesse levado bastante tempo para cavar furos bem pequenos nelas.

— Veja só como é bonita! — Ela apertou meus ombros. — Olhos verdes e pele clara. Sakubai, você ganhou na loteria!

— Vá para dentro, Mukta, e não saia até que eu chame. — Amma apareceu do nada. Eu me libertei da mão de Madame e corri para dentro.

Fiquei em pé no quarto ao lado, o ouvido encostado na parede, tentando escutar. De tempos em tempos, espiava por entre a cortina para dentro do cômodo.

— O que é isso? Nenhum *namaskar*, nada? Esqueceu quem eu sou, menina? — perguntou Madame a Amma.

— Não, não esqueci, de jeito algum. Como poderia? — Amma cruzou os braços sobre o peito. A hostilidade na sua voz ecoou pelo quarto.

— Ora, nós não tratamos as visitas assim. — Sakubai puxou o braço de Amma.

— Você deveria pensar em mandar sua filha para Bombaim conosco. Sabe que é por isso que estou aqui — disse Madame a Amma.

— Eu *não* vou mandar minha filha a lugar *nenhum*. Vou lhes oferecer chá, e depois gostaria que fossem embora.

Sakubai suspirou. Ela pressionou as mãos contra os joelhos e os massageou, então suspirou de novo.

— Não vou ser tratada dessa maneira — disse Madame para Sakubai quando Amma desapareceu para dentro da casa.

— Você conhece a minha filha. Ela tem um temperamento forte. Não sabe do que está falando.

Lá dentro, Amma fez chá. Observei enquanto ela colocava o líquido marrom espesso em pequenos copos que tilintavam em suas mãos quando os colocou num prato. Eu podia ver que sua respiração havia acelerado, que seus olhos piscavam rapidamente. Lá fora, Sakubai e Madame conversavam como se a grosseria de Amma tivesse sido perdoada.

— Então, como vão as coisas em Bombaim? — perguntou Sakubai.

Meu coração deu um salto. Bombaim. Eles eram de Bombaim, o lugar onde meu pai morava. De repente, como se tivesse esquecido o que acabara de acontecer, eu queria pular, correr até lá e perguntar se eles conheciam o meu pai. Eu tinha muitas perguntas. Sabiam onde meu pai estava? Já o haviam encontrado? Como era essa cidade, Bombaim? Vários pensamentos entraram na minha mente, todos juntos. Eles estavam ali para me levar para lá? Meu pai os mandara à nossa casa para procurar por mim?

Tudo pareceu estar indo bem por algum tempo. Amma havia servido chá, e Madame estava bebericando o seu, deleitada. Sakubai e Madame estavam tão envolvidas na conversa que não pensei que pudesse me ver escondida atrás das cortinas.

Madame me chamou:

— Venha cá.

Olhei para Amma e ela me lançou um olhar que queria dizer que eu estaria

em maus lençóis por não ter lhe dado ouvidos.

— Venha cá! — A voz de Madame estava mais alta agora, quase ameaçadora. Fez com que eu saísse do meu esconderijo e caminhasse até ela.

— O que você quer? — perguntou Amma a Madame, fazendo-me parar no meio do caminho, as mãos nos meus ombros.

— O que *eu* quero? — Ela fez sinal ao homem, que deixou seu lugar junto ao vão da porta, caminhou até Amma e segurou as mãos dela para trás. Amma se debateu e gritou com ele.

— Me solta! — disse ela, e pulei sobre ele, as mãos trêmulas tentando atingi-lo com golpes. Claro que o homem era mais forte e olhou para mim como se eu fosse uma mera mosca a ser espantada. Ele segurou Amma como se fosse uma das minhas bonecas de pano e a carregou para dentro, amarrou suas mãos com cordas e a deixou presa ali. Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, Madame me levantara e me colocara diante dela. Segurava meu queixo, inclinando minha cabeça para um lado e para o outro, procurando algo ali. Então desabotoou minha blusa e soltou o *nada* da minha saia, fazendo-a cair no chão. Sua mão desceu pelo meu pescoço e rastejou sobre o meu corpo como uma cobra. Eu mal conseguia conter as lágrimas. Através delas, via a forma indistinta de Sakubai e esperava por um sinal, qualquer sinal que me dissesse o que fazer. Mas ela não estava olhando para mim. Continuou olhando pela janela. Lá fora, a chuva ainda fustigava nosso telhado, pingando dentro do balde.

— Hum, você é bem nova — disse ela, olhando para o meu corpo nu. — O que acha? — perguntou ao homem, que me olhou de cima a baixo. Seus olhos vagaram devagar pelo meu corpo. A vergonha cresceu dentro de mim como uma tempestade violenta.

— Acho que ela está pronta. Ou vai estar em um ano — disse ele, dando-me um sorriso e um tapinha no rosto.

Madame então apanhou a blusa e a saia e me vestiu delicadamente, como se não fosse a mulher tão rude de um minuto antes.

— Você sabe quanto dinheiro pode ganhar se vier comigo para Bombaim? — perguntou-me ela. — Ah, não chore. Olhe só para os seus olhos, parecem esmeraldas. Eles não ficam bonitos quando você chora.

Ela caminhou até Amma, que ainda estava amarrada e se retorcendo no chão.

— Você é uma mulher inteligente que deu à luz uma menina, e ela é uma

menina bonita, graciosa até. Apenas as pessoas da sua comunidade entendem como é importante uma menina levar adiante a tradição, receber as bênçãos da deusa. Não pode fugir do seu destino escondendo a sua filha. — Ao ir embora, ainda disse a Sakubai: — Definitivamente investiremos nosso dinheiro na menina para a cerimônia de consagração.

— Que seja o que estiver no destino da menina — respondeu Sakubai, resignada, olhando lá para fora, já me dando adeus. Depois que foram embora, Sakubai entrou manquejando, desamarrou Amma e acariciou suas costas. Amma empurrou com força a mão dela. Eu podia ver a trilha das lágrimas que marcara o seu rosto. Ela me pegou nos braços e me deixou chorar. Sakubai colocou os braços em volta de nós, tentando nos confortar.

— Você os chamou, não foi, Sakubai? — perguntou Amma.

— Sim. Você não me escuta. Está alimentando uma esperança estúpida de que o pai de Mukta vai vir. Não posso ficar sentada sem fazer nada. Temos uma tradição a seguir.

— Nunca vou deixar isso acontecer.

— Você não tem escolha — disse Sakubai.

MUITOS DIAS DEPOIS, EU AINDA ME PERGUNTAVA SE TUDO NÃO PASSARA de um pesadelo, se aquilo só acontecera na minha imaginação. Eu gostaria de pensar que sim e que eu havia acordado de um sono profundo na floresta, sob a sombra das árvores, com a luz do sol salpicando meu rosto. O ar estava tão quente e rico com os cheiros da floresta — os sons da minha vida antes daquele dia. Para falar a verdade, eu não havia entendido por que aqueles estranhos haviam nos tratado tão mal nem por que Sakubai os convidara para irem à nossa casa, mas tinha começado a entender o sentimento de medo — meu coração batia mais rápido sem razão aparente, o peso no meu peito nunca ia embora e eu mal conseguia respirar no espaço aberto das minhas belas florestas.

A quietude desceu sobre as nossas vidas lá em casa. Amma e eu misturávamos os temperos ao cozinhar. Havia uma distância em nossos olhos. Tínhamos medo de que, se nossos olhos se encontrassem por um segundo que fosse, a lembrança amarga daquele dia acabaria transbordando. Sakubai nos deixava sozinhas. A maior parte dos dias ela passava sentada no quarto, olhando pela janela, ou cambaleava pela casa sem nos encarar. O silêncio se imiscuiu em nossas vidas, permitindo que mantivéssemos nossos

pesadelos e pensamentos para nós. Simplesmente seguíamos em frente, fingindo que nada acontecera.

Certa manhã, ouvi a voz doce de Amma me chamando.

— Mukta, Mukta, venha cá, minha filha.

Estava sentada junto à fogueira, uma panela de arroz fervendo atrás dela. Amma me deu um sorriso longo e cansado e bateu com a mão no chão ao seu lado. Eu me sentei, mas continuei quieta, preocupada que qualquer pequeno movimento meu pudesse mudar o que parecíamos ter naquele momento. Amma tomou meu rosto em suas mãos.

— Estive pensando no que aconteceu naquele dia — disse ela, e nós duas baixamos os olhos, sem nos encarar. — Vou ligar para o seu pai. Não sei em que parte de Bombaim ele mora, mas conheço alguém nesta aldeia, a mãe do seu pai, sua avó, e ela prometeu me dar um número de telefone para o qual eu pudesse ligar. Você e eu podemos ir até lá e depois falar com ele. Seu pai é um homem diferente de qualquer outro que conheci, Mukta. Ele sempre ajuda as pessoas em necessidade. As pessoas vão até ele atrás de conselhos. Tenho certeza de que vai entender que quero muito tirá-la desta vida. Quero que seja diferente para você. Quero que seja melhor. — Ela desviou o olhar, com um toque melancólico nos olhos.

Fiz que sim, ainda me sentindo bastante confusa. Nunca tinha ouvido falar que a mãe do meu pai morava na nossa aldeia ou que Amma tivesse algum contato com ela. E, mais uma vez, não fiz perguntas.

— Não pude protegê-la naquele dia — sussurrou Amma, acariciando meu cabelo.

Nesse momento olhei para ela e senti que meu coração iria explodir. Lágrimas escorriam sem parar pelo meu rosto. Ela colocou os braços em volta de mim, e eu me agarrei a ela. Não lembro quanto tempo ficamos lá, sentadas perto do fogão, abraçadas, o calor do fogo nos cercando, o arroz fervendo atrás de nós. Através das lágrimas, eu podia ver as chamas do fogão subindo e descendo, como as reviravoltas que estavam prestes a tomar conta da minha vida.

Capítulo 3

Tara
2004

ACORDEI MUITO CONFUSA NAQUELA MANHÃ. POR ALGUNS SEGUNDOS fiquei olhando para as pás empoeiradas do ventilador de teto que rangia e ouvindo o sino dos ventos tilintando com a brisa. As paredes de um tom creme desbotado à minha volta aumentavam meu atordoamento. Onde eu estava? Então lembrei. Estava na casa da minha infância — o apartamento de Papa em Mumbai —, longe do meu minúsculo apartamento de Los Angeles. Passaram-se duas semanas desde que eu voltara, duas semanas desde que contatara a polícia, e, no entanto, ainda não tinha a menor pista de onde Mukta poderia estar.

Respirei fundo e peguei minha bolsa no criado-mudo, enfiei a mão dentro dela e abri a lista de ONGS que havia baixado da internet. Tinha cinco nomes de centros que lidavam com crianças desaparecidas ou sequestradas. Comecei a discar os números. Os telefones das três primeiras organizações tocaram, mas ninguém atendeu. A quarta organização anotou os detalhes e disse que iriam me contatar se tivessem alguma informação. Quando um homem atendeu na quinta agência, torci para conseguir encontrar uma resposta lá.

— Meu pai contratou uma agência de detetives para procurar por Mukta — expliquei ao homem na outra ponta da linha depois de lhe informar os detalhes básicos do caso.

— Entendo. E a senhora disse que essa agência de detetives que procurou por ela não está respondendo às suas ligações? — disse ele numa voz baixa e rouca.

— Sim. Tentei ligar várias vezes. Ninguém atende. Fui ao escritório deles quase todo dia desde que voltei, mas está sempre fechado. Eu só... Eu não sei como nem por onde começar a procurá-la. Nem a polícia ajuda muito. Estou aqui há duas semanas e não tive progresso. — Fiquei surpresa com minha própria frustração e a facilidade com que eu a revelava a um estranho.

O homem suspirou:

— Qual é o seu nome mesmo?

— Tara.

— Tara. Sugiro que continue tentando a agência de detetives; pode ser que tenham alguma informação. Não gostamos de recusar pessoas, mas a senhora disse que ela está desaparecida há onze anos e não aceitamos casos ocorridos há mais de cinco. Somos uma organização nova e estamos tentando expandir nossos serviços, mas não podemos ajudar. Não gosto de dizer isso a pessoas que estão procurando um ente querido. A realidade, no entanto, é que há cerca de dez novas crianças desaparecidas a cada hora na Índia e mais de setenta por cento delas nunca é encontrada. Há também a possibilidade...

Desliguei o telefone enquanto as palavras continuavam jorrando. Eu me levantei e caminhei para a sacada do nosso apartamento de dois andares. Observei a cidade dali de cima. A rua onde ficava o nosso prédio estava inundada. Guarda-chuvas multicoloridos flutuavam a meia altura enquanto pedestres chapinhavam com a água na altura do joelho. Um *chaiwalla* servia chá quente e *pakor*s em sua pequena lojinha. Ao lado dele, um vendedor ambulante assava milho para os passantes. Fagulhas vermelhas voavam no ar quando ele abanava o carvão incandescente. Quando criança, eu amava a chuva, sobretudo a dramaticidade da sua presença, o jeito como caía sobre a cidade e impunha uma pausa abrupta à vida. Só a chuva, eu pensava, tinha o poder de subjugar esta cidade.

Tinha lembranças de barcos de papel flutuando nas sarjetas em que escorriam as chuvas de Bombaim, de jogar críquete no parquinho molhado com os meninos da vizinhança, de voltar para casa encharcada e enlameada, de Aai me recriminando por minhas maneiras de moleca. Se fechasse as pálpebras, podia ver Aai, seus olhos macios brilhando de fúria, o *bindi* vermelho tremendo na testa enquanto ela brigava comigo. Lembro-me de quando Aai convidava as senhoras da vizinhança para nossa casa. Elas se reuniam na sala de estar ansiosas para fofocar, a cacofonia de suas vozes cacarejantes emergindo do nosso apartamento. Meena-ji, nossa vizinha e

melhor amiga de Aai, uma mulher de rosto redondo com uma língua afiada, era conhecida por ser uma fofqueira e tanto.

— Sempre quis lhe contar isso, sobre sua filha — dizia frequentemente Meena-ji a Aai. — Não é bom para uma menina ter tanto *josh*... tanta vivacidade. Mas como falar isso a uma mãe? Como sua filha vai encontrar marido? Só nós, mulheres, sabemos como é difícil encontrar um menino adequado para as nossas meninas. Como ela vai cuidar da casa? Batendo nos meninos, brincando com eles? Terrível! Ensine isso a ela, senão nunca vai encontrar um marido para sua filha. Vai passar o restante da vida juntando um dote, mas ninguém vai se casar com ela.

Sorri com a lembrança, perguntando-me o que Meena-ji pensaria de mim agora, solteira e sem ninguém no mundo para chamar de família. Se Papa estivesse vivo, poderíamos rir juntos das observações dela. Papa sempre foi meu apoiador mais próximo, ele ignorava esse tipo de conversa e de rumor.

Meu pai era um homem muito alto, bonito, e os vizinhos frequentemente batiam à nossa porta atrás de conselhos. Sentavam-se no sofá da sala de estar e desfiavam suas desgraças enquanto Papa ouvia com atenção. Às vezes, eu me escondia na cozinha, tentando escutar. Identificava sempre o tom triste naquelas vozes e como, depois de meu pai falar — de maneira suave, tranquilizadora —, os homens saíam da nossa casa com rostos tão alegres que eu pensava que Papa borrifava algum tipo de água mágica neles. Eu perguntava se ele era mágico, e ele ria.

— A mágica está nas palavras, minha menina querida. Quando você dobra os pensamentos de alguém com palavras que tocam a alma, isso se chama inspiração.

Pensei em Papa e em como ele gostava de conversar com seu melhor amigo, Anupam *chacha*, aqui nesta sacada, fumando juntos, soprando círculos de fumaça no ar enquanto Aai lhes servia *samosas*, nosso apartamento cheirando a um misto de fumaça e fritura. Às vezes, Papa sentava aqui sozinho, a cabeça enterrada num livro, e eu o interrompia e insistia até que ele me contasse sobre a vida em sua aldeia natal.

— Quantas vezes vai ouvir a mesma história? — perguntava ele, rindo.

Infinitas, porque eu adorava aquela história. Naqueles momentos, Papa me levava com ele enquanto vagava pelas lembranças de sua infância na aldeia de Ganipur. Eu me sentava no seu colo e os olhos com os quais ele observava esse mundo se tornavam meus naquele momento. A pele clara adquiria um

viço de juventude, os olhos verdes contemplavam uma lembrança distante de jogar *kabaddi* e críquete com os outros meninos da aldeia. Ele me contou sobre as mangas pendendo das árvores e os pavões dançando na chuva, sobre os campos de arroz e painço que balançavam com o vento e a enorme figueira-de-bengala no meio da praça da aldeia onde ele e Aai se conheceram.

— Para onde quer que olhasse, Tara, o céu era límpido e azul, trazendo paz ao coração. Você respirava e, ah, o ar era puro... tão fresco.

Era um mundo diferente do que eu conhecia — aquela cidade de Bombaim, onde havia prédios e mais prédios e, quando não havia construções, canteiros de obras. Eu não vira nenhuma lavoura que balançava ao vento e com pavões dançando. Essas imagens se desdobravam na minha mente como uma das histórias que eu lia nos livros.

— Vou levá-la à minha aldeia um dia — dizia ele.

E eu esperava que aquele dia chegasse. Nunca chegou.

EU NEM SEQUER ERA NASCIDA, PAPA COSTUMAVA ME DIZER, QUANDO meus pais fugiram da aldeia e chegaram a essa cidade fervilhante. Eles montaram seu lar em Dadar, naquele mesmíssimo apartamento. Agora, ali parada, olhando para a cidade, me dei conta de que pouco havia mudado. Uma fileira de açocas e coqueiros ainda ladeava as paredes do complexo, e ainda havia uma solitária árvore de *badam* no canto, seus galhos balançando à brisa. Lembro-me de uma placa que pendia torta no portão do lado de fora, com as palavras “Sociedade de Moradia Cooperativa Vijaya”, que nos recebia quando entrávamos. Aquele aborrecido *chowkidar* que ficava sentado do lado de fora do portão sempre me lembrava de Suppandi, o sujeito pateta que aparecia nas minhas revistas de quadrinhos. A cada vez que passávamos pelo portão, meu melhor amigo, Navin, que era dois anos mais velho que eu, me cutucava, fazendo com que me lembrasse da semelhança e caísse na risada.

Era naquela sacada que Navin e eu assistíamos às procissões de casamento que passavam, olhando, atônitos, para o cavalo que carregava o noivo e para as pessoas que dançavam em volta ao som da música alta. Antes de Mukta entrar nas nossas vidas, não havia uma só vez que os vizinhos não encontrassem a mim e a Navin juntos, brincando com os outros meninos, correndo atrás dos carrinhos de sorvete no verão ou caçando borboletas com garrafas de plástico.

Lembro-me de acordar ao som de música que ressoava da cítara de Navin, ao ritmo do *raga*, e da voz dele enchendo o ar de melodia. Eu me levantava da cama, terminava meu café da manhã apressadamente e corria até seu apartamento para ouvi-lo cantar. Papa ria e me provocava, dizendo:

— A não ser por esse garoto, nada no mundo é capaz de tirar você da cama tão cedo.

Papa costumava dizer que minha amizade com Navin estava destinada a acontecer, escrita nas nossas vidas antes mesmo de nascermos. Afinal, o pai de Navin, Anupam *chacha*, e Papa haviam sido amigos de infância. Anupam *chacha* era um homem alto, de ombros largos, compleição parecida à de Papa e os mesmos olhos verdes. Enquanto Papa se formou em engenharia no Instituto de Tecnologia da Índia e entrou para uma grande empresa, Anupam *chacha* abriu seu próprio negócio em Bombaim. Papa disse que eles haviam sido criados como irmãos, embora fossem vizinhos lá na aldeia. Quando crianças, brincavam juntos, iam à mesma escola e faziam as lições juntos. Anupam *chacha* sempre nos contava como, na infância, eles pregavam peças nos aldeões ingênuos. Lembro-me de Anupam *chacha* contando a Papa sobre sua esposa — a mãe de Navin —, que morreu de câncer quando Navin tinha seis anos de idade. Anupam *chacha* muitas vezes se perdia em reminiscências sobre ela, contando a Papa sobre sua voz melodiosa, seu talento para o canto. Descobri pela conversa deles que ela fora uma tocadora de cítara muito talentosa e que seu último desejo fora que seu filho se tornasse um músico famoso. Para honrar os últimos desejos da mulher, Anupam *chacha* submetia Navin a horas de aulas de música todos os dias. Nunca ouvi Navin reclamar, nem uma única vez, sobre essas longas sessões, embora eu as achasse torturantes.

Olhei para a sacada vizinha — o apartamento onde Navin e Anupam *chacha* moravam. Estava em silêncio desde que eu chegara. Eu perscrutara sua escuridão pela janela; observara as portas trancadas esperando que eles fossem aparecer algum dia. Talvez também tivessem se mudado para longe, tentando fugir, como nós. Todas as nossas amizades haviam terminado naquele dia fatídico em que Papa me levou para os Estados Unidos. Eu não falei com Navin ou Anupam *chacha* nunca mais. E sempre me perguntei por que Papa parara de falar com Anupam *chacha*, por que nunca ligou para ele depois que colocamos os pés na nossa nova casa. Eu pensava que todas as lembranças boas da minha infância haviam desaparecido de repente, como

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Todas as cores do céu" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).